

## **Jorge Luis Borges, P. a escrita como exercício da memória.**

Ana Cristina dos Santos (UERJ e UVA)

“Creio na imortalidade, P. não na imortalidade pessoal, mas na cósmica. Continuaremos sendo imortais, contudo, além de nossa morte corporal, resta nossa memória, restam nossos atos, nossos feitos, nossas atitudes, toda essa maravilhosa parte da história universal, ainda que não o saibamos e é preferível que não o saibamos.” (Jorge Luis Borges)

A simples menção do nome do escritor argentino Jorge Luis Borges traz à mente de seus leitores o símbolo do labirinto. Não só pela utilização explícita do símbolo, mas pela própria estrutura de sua obra, P. uma narrativa de intricados caminhos que levam sempre a outros, numa descoberta sem fim. Para Borges, o labirinto forma parte da realidade humana, pois o mundo em que vive é um labirinto cujas paredes são formadas de tempo. No labirinto construído de tempo, a saída é inalcançável. O tempo torna-se portanto, o maior problema humano. Assim, sua obra tenta negá-lo. Sua narrativa é uma tentativa de vencer a sucessão temporal a que estamos imersos, como se anulando o tempo, anulasse também a sua consequência, P. a morte.

Para negar o tempo cronológico, Borges utiliza o platonismo dos modelos. A explicação do mundo está fora dele, está em outro mundo, no dos Arquétipos. A perfeição do modelo pode ser explicada pela permanência, pela inalterabilidade, ou seja, P. na ausência do

tempo compreendido e apreendido como mudança, sucessão, passagem e alteração.

Borges utiliza o esquecimento como uma arma contra o tempo. Da mesma maneira, ele utilizará a outra vertente do esquecimento, P. a memória. É a opção borgiana por isto e aquilo, onde a memória será também uma arma humana diante do inimigo que é o tempo. Os animais se sabem imortais porque desconhecem que morrem e também porque não exercitam a plenitude da memória. É exatamente o anverso, saber-se finito e exercitar a memória, que faz que os homens tornem-se mortais. A morte é um dos extremos da cadeia temporal; o outro extremo é a memória. A memória é, ao mesmo tempo, o saber-se mortal e o antídoto contra essa mortalidade, P. sempre se guarda uma parte do vivido. Ter memória é conservar o registro temporal em favor do homem. Entretanto, a lembrança que temos do passado, não é o passado em si e sim, uma representação dele, uma seleção de detalhes que julgamos importante resguardar do esquecimento. Se cada dia vivido é *morrer*, então, guardando esse dia, isto é, mantendo-o na memória, anula-se a morte. Dessa forma, exaltar a memória é opor-se ao tempo com as próprias armas do tempo, P. “*Somos nossa memória, somos esse quimérico museu de formas inconstantes, esse montão de espelhos quebrados*” (BORGES, 1974, p. 981)

Entretanto, rechaça-se a memória estéril, que amontoa recordações sem nada acrescentar, como a da personagem Ireneo Funes do conto “Funes, el memorioso”. Funes possui uma memória que não

cria, é uma memória repetidora que vê o mundo tal como ele é, não o revela. Ao remeter-se ao modelo, não acrescenta nada, apenas o repete de maneira igual; numa repetição que não admite cortes ou figuras novas. Uma memória assim multiplica inutilmente a realidade. Ao lembrarmos que Borges teme essa multiplicação inútil – não é esse o temor que lhe causam os espelhos? – entendemos o porquê do rechaço a esse tipo de memória. Uma memória que é incapaz de abstrair, generalizar, é incapaz de qualquer pensamento, de qualquer tipo de linguagem. Funes necessita ver o objeto para nomeá-lo e a linguagem – através das palavras- designa as coisas ainda que estejam ausentes e possibilita as abstrações e conceituações. Uma memória como a de Funes só serve para anular a identidade pessoal, uma vez que a linguagem é a única manifestação individual ou coletiva, objetiva ou subjetiva, na qual o sujeito pode reconhecer a sua identidade. Ao impossibilitar Funes de pensar, Borges rompe com quaisquer indícios de identidade pessoal que poderia existir na personalidade. Esse conto ratifica a memória defendida por Borges, P. a que serve de escudo protetor para o eu, como a única garantia da própria identidade. Esquecer o seu nome é esquecer o seu *eu*, é não saber-se quem é. A identidade pessoal reside na memória e a anulação dessa faculdade comporta a idiotia, ou seja, P. quando se perde a memória, perde-se também a individualidade e a noção temporal. Por isso, Borges sustenta que a memória, o ato de recordar é tão importante para o ser humano. Juan Nuño (1986, p. 46) afirma que se Borges

tivesse sido filósofo, provavelmente sua frase seria, P. “*Recordo, logo existo*”.

Segundo o próprio Borges recordar é muito importante em sua vida (não necessita Borges, talvez mais que nós, por ser cego, da sua memória?). Goloboff (1978, p. 228) conta-nos que a mãe de Borges utilizava o verbo recordar por despertar e que tal substituição foi utilizada pelo escritor argentino. Borges explicava a substituição dos verbos, afirmando que ao dormir a pessoa se esquece por completo de quem é – fronteira entre a vida e a morte – e perde a cada noite a identidade pessoal, da qual se recorda quando se desperta.

Dentro da estrutura do idealismo utilizado por Borges em sua poética só existem os objetos percebidos. E a percepção para os idealistas só existe no momento presente, pois este é o único momento conhecido pelo ser humano. A união temporal entre duas ou mais percepções é feita através da memória. A memória é o recurso humano que permite reter essas percepções ainda que elas mudem depois, tornando-se, portanto, a faculdade que permite reter o passado. Motivo que leva Borges a afirmar, segundo Stornini (1990, p. 139), que “*nosso passado é nossa memória*”. Ser um objeto da consciência é existir na realidade; ser esquecido confere uma não-existência absoluta e ontológica, algo semelhante à morte, como o que acontece no conto “*Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*” (BORGES, 1974, p. 440):

*As coisas se duplicam em Tlön, propendem assim mesmo a apagar-se e perder os detalhes quando as pessoas os esquecem. É clássico o exemplo de um umbral que existiu enquanto um mendigo o*

*visitava e que se perdeu de vista quando de sua morte. Às vezes, uns pássaros, um cavalo, salva as ruínas de um anfiteatro.*

A memória, sob este ponto de vista, é a conservação do vivido, o antídoto contra a morte. Não obstante, esse conceito de memória só pode existir em um universo que conhece um tempo linear e sucessivo, pois a imortalidade anula a memória individual.

Um tempo sem presente, passado ou futuro propõe, simultaneamente, uma consciência eterna constante e a presença correlativa de toda a realidade. Nesse tempo, o homem torna-se “*um apreensor abstrato do mundo*”. Borges utiliza essa expressão em dois contos “El jardín de los senderos que se bifurcan y “Nueva refutación del tiempo”. Em ambos a idéia é a de estar à margem do tempo, onde o ser humano perde o contato com a realidade e, conseqüentemente com a sua natureza existencial. Se está à margem do mundo, mas percebendo tudo o que está ocorrendo em volta. Neste tempo eterno, a memória é desnecessária, já que os objetos apreendidos por uma memória eterna também são imutáveis, ou seja, eterno.

Em uma realidade sucessiva e cronológica a consciência humana não é eterna, então, a memória é necessária para guardar os registros do passado. A realidade pretérita só é recuperável mediante a memória. Contudo, não se pode confiar na memória; Ela é uma faculdade que elege arbitrariamente, falseia, seleciona e, portanto, esquece detalhes insubstituíveis e preciosos. O homem, em vão, tenta rememorá-los e, quando isso acontece, conscientiza-se de que todos os esforços de seu intelecto são inúteis, pois não consegue trazer ao

presente todos os detalhes de uma experiência vivida. Dessa maneira, com o objetivo de não perder nenhuma experiência o homem escreve. O único modo de recuperar os acontecimentos é escrevendo-os. Se o homem conhece e pensa as coisas através dos signos, nada mais lógico que guarde o passado – o conhecimento que se tem das coisas – através do mundo dos signos, P. a escrita. Com a escrita o homem vence o tempo, P. eterniza o momento e recupera as experiências vividas em todos os seus detalhes. Esta é a única alternativa que o homem possui em sua realidade linear e cronológica para imortalizar-se. As palavras resgatam o homem do esquecimento. Deixar algo escrito é pedir para que alguém o leia. A imortalidade se concretiza com a obra que se realiza e transmite aos outros. Para Borges (1985, p. 19), sempre que alguém repete as palavras de outrem, está retirando-os do esquecimento e assim, o eterno retorno se movimenta mais uma vez:

Cada vez que alguém ama um inimigo, surge a imortalidade de Cristo. Nesse momento, ele é Cristo. Cada vez que repetimos um verso de Dante ou Shakespeare, somos de algum modo aquele instante em que Dante ou Shakespeare criaram esses versos. Enfim, a imortalidade está na memória dos outros e na obra que deixamos. [...] Que importa se este modesto companheiro tenha morrido, se ele vive em mim e em cada um dos que repetem essa frase?

Nas narrativas borgianas, os personagens deixam sempre algo escrito para a posteridade ou resgatam escritos do passado. A intertextualidade borgiana tem o intuito de eternizar o escrito. Nesse sentido, a linguagem é primordial no ser humano. Ela é a força pela qual

todas as coisas se constituem. Somente com a linguagem e o ato de escrever pode-se ordenar o mundo caótico em que está inserido o ser humano e, encontrar algum sentido para uma realidade finita. Nesse mundo organizado, não regido por um tempo linear e cronológico, o homem encontrará a imortalidade que não o impedirá de realizar os seus objetivos. Assim, em um tempo linear e sucessivo, Borges recupera a eternidade através da escrita e, por conseguinte, alcança a imortalidade. Por isso a biblioteca é outro símbolo tão importante nas narrativas do escritor argentino. Segundo Bella Jozef (1998, p. 72), a biblioteca na poética borgiana é o lugar onde se guarda a memória do mundo. Ela é eterna e, se algum dia a espécie humana se extinguir, permanecerá a biblioteca resguardando toda a memória do mundo. A biblioteca é o espaço sagrado, é o lugar onde o mundo se reorganiza através da escrita.

A partir da afirmação de que de que toda escrita é memória, Borges vai, mais uma vez, enfrentar o tempo e afirmar que não existe História. Se a memória é o registro temporal dos acontecimentos e se a memória falha, as descrições do momento presente variam. Seria então correto afirmar que há História? A História não é realidade, acontecimento mas, memória, descrição, testemunho, reconstituição dos fatos passados e, portanto, terá várias versões. Acostumamo-nos a considerar a História como o próprio passado e institucionalizá-la como a única realidade possível. Borges perverte e inverte a visão da História. Acredita que por ela ser constituída por um universo de representação - linguagem e memória – jamais poderá ser fiel ao que

realmente aconteceu. Percebe que a representação do passado se faz baseada no que os homens acreditam ou querem acreditar que aconteceu. Essa subjetividade faz que haja tantas histórias quanto testemunhos de um mesmo fato. A História será relativa. Relativismo derivado do próprio ser, já que toda História é produto humano.

A escrita é o esforço por reviver e refazer o passado, em uma tentativa sempre diferente da outra, abrindo uma gama de opções que cria novas Histórias. Por este motivo, Borges rechaça a idéia de uma História única e total. A memória torna possível a manipulação do passado, e assim, criam-se várias verdades para um mesmo fato. Analisado sob este prisma, não existe uma História global do passado.

Se a História é manipulada pela memória, vemos surgir um problema que está mais próximo das obsessões borgianas, P. a identidade do sujeito que atravessa todos esses acontecimentos. Um ser inserido em um mundo que não remonta mais a totalidade, uma vez que a este pode ser transformado pelo homem e a sua memória. Dentro dessa realidade, o homem transforma-se em um ser fragmentário que não possui seus próprios contornos definidos. As personagens das narrativas borgianas aparecem somando-se indefinidamente, de fragmento em fragmento, sempre em busca do verdadeiro eu. São seres partidos, em busca do momento essencial, a revelação que está no centro do labirinto. Esse fragmento não é, aristotelicamente falando, a parte que contém o todo, mas o sujeito que se desdobra infinitamente.

Nessa realidade, não é só o sujeito que se desdobra infinitamente, o mundo em que está inserido também se desdobra. Uma vez que podemos moldá-lo conforme a nossa memória, sustentamos a diversidade de situações e o pluralismo de realidades. Ao modificar o passado em um único fato, anulam-se suas conseqüências que por sua vez, anularão outras e assim *ad infinitum*; criando-se vários mundos possíveis. Esse desdobramento infinito gera o horror de Borges pela multiplicação infinita de registros idênticos e repetitivos, não só dos homens, mas também de seus atos e conseqüências.

A memória será a arma utilizada pelo escritor argentino contra esse horror. Quando o homem recorda, pode modificar e, assim, destrói a modalidade de mundos idênticos. Se não recordasse, qualquer ciclo poderia ser o primeiro e único. A memória que engendra esses mundos é a arma que destrói o horror da multiplicação idêntica e repetitiva. A obra de Borges fica aberta à outra realidade, a de mundos diferentes, mas não repetitivos.

No conto “Tema del traidor y del héroe” está clara esta percepção de mundo de Borges, se narra os diversos registros de um mesmo fato. O personagem é condenado como traidor e exaltado como herói nacional pela mesma causa política, a independência da Irlanda no século XIX. O conto mostra como se manipula a História para converter a personagem em herói.

Nas entrelinhas do conto, percebemos a proposta borgiana, se o homem não fosse matéria feita de tempo, dominado pela consciência temporal, não haveria História e muito menos memória. A História

ria será sempre a luta do homem, através da memória para distanciar ou aproximar os acontecimentos. Um mundo atemporal não possui e tampouco necessita da memória. A imortalidade humana traz consigo duas conseqüências, a anulação do tempo e com ele, a perda da memória. Ao perder a memória, anula-se a identidade pessoal. No conto “El inmortal” (1974, p. 540), Borges mostra a luta da personagem para preservar a memória. A imortalidade é o mais terrível dos dons capaz de assemelhar os homens aos animais, “*Ser imortal é fútil, menos ao homem; todas as criaturas o são, pois ignoram a morte; o divino, o temível, o incompreensível é saber-se mortal*”.

O reencontro com a sua condição humana de mortal é a chave para a compreensão do conto. A harmonia para a personagem não está na imortalidade, mas na vida com a morte; elementos opostos e inconciliáveis aos olhos do senso comum. O conto inicia com o narrador – o tribuno – procurando um rio cujas águas lhe darão a vida eterna e a possibilidade de viver em *um mundo sem memória, sem tempo* (BORGES, 1974, p. 539). Ao beber a água do rio, torna-se imortal. Ao alcançar a imortalidade, não há a necessidade de preservar a memória, não precisa deixar alguma obra para que as outras pessoas se lembrem dele. Possuidor da eternidade, onde tudo já aconteceu ou acontecerá, não necessita ganhar qualquer batalha contra o tempo, é capaz de realizar qualquer projeto. Perde, portanto, o interesse pelo seu próprio destino, “*Também não interessava o próprio destino. O corpo era um submisso animal doméstico e bastavam-lhe,*

*cada vez, as esmolos de umas horas de sono, de um pouco de água e de carne*” (BORGES, 1974, p. 540).

A imortalidade tão almejada transforma-se em uma armadilha, na qual fica preso à circularidade das repetições. O protagonista rejeita a imortalidade e parte em busca da mortalidade perdida, única possibilidade de dar fim à tediosa e angustiante eternidade. O estado mortal se apresenta superior ao estado imortal. Sob esse ângulo, entendemos a busca que empreende a personagem, é o horror dos mundos idênticos *ad infinitum*. A imortalidade transforma-se em uma experiência que se traduz por pura repetição e tédio, “*Entre os Imortais, cada ato (e cada pensamento) é o eco de outros que no passado o antecederam, sem princípio visível ou o fiel presságio de outros que no futuro o repetirão até a vertigem*” (BORGES, 1974, p. 542).

A mortalidade para o protagonista representa o encontro com o tempo, a saída do labirinto e a única maneira de libertar-se dos círculos das repetições. O imortal prefere a dor e a morte a não possuir nenhum desejo. Valoriza o desconhecido em detrimento do imutável, do permanente. Ao perder a imortalidade, o tribuno percebe que em um mundo linear e sucessivo a única maneira de permanecer na memória é através da escrita e decide escrever o relato do acontecido. A imortalidade perdida é substituída pela linguagem. O ser finito se torna infinito – imortal – pela escrita, “*Quando se aproxima o fim, já não restam imagens da lembrança; somente restam palavras*” (BORGES, 1974, p. 543). Decide preservar a sua memória através da escrita, ainda que em um mundo cronológico a linguagem utilizada

para descrever o real – onde simultaneamente se cruzam infinitas características – seja de índole sucessiva e portanto, inadequada para racionalizar o imortal o atemporal. A inadequação entre linguagem e realidade faz que os Imortais não utilizem a linguagem, “*Não me surpreendi que de que não falavam*” (BORGES, 1974, p. 535). O narrador está consciente de que nenhuma linguagem pode dar conta da realidade como um todo, com a plenitude de detalhes e minúcias aparentemente sem importância.

Registrar um fato através da linguagem e da memória é não ter assegurado se o narrado é realmente fiel ao que aconteceu. Em todo o conto existem índices que apontam para o fato de que o próprio texto se reconhece como um relato da memória. Índices que questionam a verdade do que o narrador registra no manuscrito. O narrador reconhece que o texto está limitado pela memória e pela linguagem. Contudo, a linguagem se transforma em um problema maior por ser duplamente imperfeita, é incapaz de chegar à verdade última e definitiva e por utilizar um artifício poético que segundo o narrador, contamina de falsidade o relato. Se todos os textos estão construídos sob essas imperfeições – linguagem e memória – então, o manuscrito não pode ser considerado como um testemunho-revelador da verdade dos fatos uma vez que foi construído sob os conteúdos que nada revelam, apenas falseiam, “*Revisei estas páginas, passado um ano. Parece-me que elas se ajustam à verdade, mas nos primeiros capítulos e ainda em certos parágrafos dos outros, creio perceber algo falso.* (BORGES, 1974, p. 542-3) (grifo nosso)”.

Ainda que a escrita seja um simulacro, uma potência do falso que jamais trará em si a *verdade* dos fatos, ela é para Borges, em um mundo temporal, a única maneira de mudar a realidade existente. Através dela o homem mantém a sua memória (ou a parte que lhe interessa), preserva a sua identidade e se immortaliza. O que está escrito não se perde, se perpetua por séculos e gerações. O próprio tribuno afirma no final do conto (BORGES, 1974, 547) ser a linguagem o único legado que se pode transmitir de uma geração a outra, “[...] *palavras, palavras deslocadas e mutiladas, palavras dos outros; foi a própria esmola que lhe deixaram as horas e os séculos*”. Deste modo, a escrita se transforma em matéria para a salvação da angústia de ser mortal e estar preso à teia do tempo, torna o homem eterno e abole o irreversível destino humano de nascer para morrer.

## Referencias Bibliográficas

BORGES, Jorge Luis. Obras Completas. 17. ed. Buenos Aires: Emecé, 1974.

\_\_\_\_\_. “A imortalidade”. “O tempo”. **In:** Cinco visões pessoais. Trad. Maria Rosinda R. Silva. Brasília: Ed. Univ. de Brasília, 1985. p. 13-20 / 41-50.

GOLOBOFF, Gerardo Mario. Leer Borges. Argentina: Huelmul, 1978.

JOZEF, Bella. O labirinto e a paródia com modelo do texto borgiano. América Hispânica. Rio de Janeiro: UFRJ. v (7):45-57, jan-jun, 1992.

SANTOS, Ana Cristina dos. O tempo e a morte, as ruínas borgianas. Rio de Janeiro. 1995. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras da UFRJ, Rio de Janeiro: 1994. (não-publicada).

STORNINI. Carlos R. O dicionário de Borges. Trad. Vera Mourão. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 1986.